

## Globalização e território

A inserção do Brasil no sistema global ocorreu com a própria conquista e colonização do território. E deixou-nos três heranças: a vastidão do espaço geográfico, a forte assimetria regional e as escandalosas desigualdades sociais. Mas, nos últimos anos, o país tem mudado. E é preciso reconhecê-lo

*por Tânia Bacelar*

A palavra globalização é um neologismo: só aparece na literatura na década de 1980. Mas, como demonstra François Chesnais, a globalização é uma etapa específica, muito avançada, do velho processo de internacionalização do capital. E o processo de internacionalização é um dos movimentos estruturais e estruturantes do capitalismo. Na intensidade e na extensão com as quais tal processo se manifesta hoje, ele é novo – e a palavra globalização pretende expressar tal novidade. Mas o movimento começa no século XVI, quando o capitalismo se firma, e vem acompanhando esse modo de produção ao longo de suas várias fases.

Para o Brasil, isso é muito importante, porque o país engatou no movimento de internacionalização em seu próprio nascedouro. O “descobrimento” do território americano pelos europeus decorreu do processo de internacionalização comercial. E o Brasil engatou nesse processo como colônia de exploração. Do meu ponto de vista, tal contingência produziu uma herança tão pesada que a carregamos até hoje. Quando o pacto colonial se tornou um obstáculo ao processo de internacionalização, ele foi derrubado, e no Brasil isso se expressa na chamada abertura dos portos, em 1808. No século XX, o Brasil reafirmou sua inserção, subordinando-se à internacionalização do capital produtivo industrial. E, na década de 1990, mergulhamos fundo na internacionalização financeira.

Para mim, quem melhor explicou o papel estruturante da internacionalização para o capitalismo foi Karl Marx. Esse papel estruturante, que promove a passagem do capitalismo concorrencial ao capitalismo dos oligopólios, se expressa por meio de dois movimentos: a concentração e a centralização. A concentração é o aumento das massas de capital nas fases de crescimento. Quando a economia cresce, as massas de capital crescem junto, e ocorre a concentração. Quando a economia entra em crise, a centralização entra em cena. E algumas massas de capital continuam crescendo porque determinadas empresas compram outras. Vivemos hoje este segundo momento: como o capitalismo está em crise, não há um dia em que a gente abra o jornal e não encontre algum exemplo de centralização, o fato de que alguém comprou alguém. Na expansão ou na crise, a tendência estruturante se mantém. Por isso o capitalismo chegou ao estágio a que chegou e gerou, ao longo desse caminho secular, os comandantes do processo de globalização, que são os conglomerados transnacionais, grandes massas de capital, que se acumularam tanto pela concentração quanto pela centralização. Esse movimento é estruturante porque resiste aos ciclos do capitalismo: progride na alta e se mantém ativo na baixa. E vai alcançando os diversos processos da vida econômica.

Nesta fase mais recente, dois avanços técnicos aceleraram, e muito, o processo de globalização. O avanço nas comunicações, que permite que hoje uma empresa com estabelecimentos em cem países do mundo feche seu caixa em tempo real – o que era impensável há apenas 30 anos. E o avanço nos transportes, que tanto reduz custos quanto aumenta a fluidez e, portanto, a capacidade operacional de quem tem cacife para atuar em escala global.

### Quem se globalizou?

Aqui, surge a pergunta: quem se globalizou? Primeiro, os principais agentes econômicos do mundo de hoje, que são os conglomerados transnacionais. Inicialmente, nós os denominamos “firmas multinacionais”. Depois, descobrimos que não eram “multinacionais”, mas transnacionais. E que também não eram “firmas”, mas conglomerados de firmas. Se considerarmos o tecido produtivo do Brasil, veremos que a grande maioria das empresas que operam no país não são entes globais: são entes nacionais, regionais ou locais. Mas alguns grandes agentes se globalizaram, e são eles os principais atores desse processo. Globalizaram-se também os principais fluxos econômicos: os fluxos comerciais, os fluxos de investimento produtivo, os fluxos financeiros. Globalizaram-se os mercados. É muito importante para nossa discussão – globalizaram-se os padrões. Isso é muito relevante para a discussão sobre a relação entre globalização e território, porque os agentes locais acabam assimilando esses padrões, usando esses padrões, e eles vão-se tornando cada vez mais disseminados pelo mundo afora.

Se observarmos o perfil locacional de um grande conglomerado global, veremos que o comando está centralizado na matriz, a gestão estratégica está lá, a inovação tecnológica está lá, mas a operação se encontra descentralizada por vários lugares. E isso é que dá o tom da relação entre globalização e território. Um exemplo que eu gosto de citar é o de uma entrevista que li com o PDG da Nike. O jornalista perguntou-lhe quantos milhões de pares de tênis a Nike produzia. E ele respondeu que a Nike não produzia tênis; produzia “emoção”. A “emoção” de calçar um Nike – isto é, o marketing – está centralizada nos Estados Unidos. E eles gastam muito mais com marketing do que com o processo produtivo. O processo produtivo está na Ásia, está descentralizado, porque a indústria de calçados, no fundo, é uma indústria de montagem, e, em toda indústria de montagem, o custo da mão-de-obra é um elemento determinante. Então, o processo produtivo ocorre onde o custo da mão-de-obra é mais barato. Quem produz o tênis Nike são milhares de pequenas empresas situadas na Ásia. A corporação compra esses tênis e agrega “emoção”. Aí, quem compra o tênis Nike compra junto a “emoção” de poder usar um calçado de 700, 800 reais, que, na verdade, pelo custo material de produção, não vale isso.

### **A reorganização do espaço mundial**

Esse movimento de descentralização depende muito da atividade a que as corporações se dedicam. Por exemplo, no setor de perfumes, há um modelo no qual a produção é centralizada e a distribuição, descentralizada. É o modelo da Avon, que não tem nenhuma loja, tem “colaboradoras”, com um livrinho dizendo quanto custa cada produto e um talonário para registrar as vendas. É o modelo mais descentralizado e mais exitoso desse segmento – tanto que as outras empresas tenderam a copiá-lo. No setor de alimentos, o modelo se inverte. Como o risco maior ocorre no processo produtivo, é este que é descentralizado, enquanto centralizada é a distribuição. Assim, o melão produzido no assentamento da reforma agrária em Baraúnas, Rio Grande do Norte, é distribuído por uma transnacional. Ela recolhe as frutas dos produtores, centraliza e joga no mercado mundial. Então, as inflexões do modelo dependem de onde se encontra o maior risco.

Por esses vários caminhos, o processo de globalização reorganiza o espaço mundial. Os agentes globais, que comandam o processo, escolhem os lugares em função do cruzamento de duas variáveis. Seus próprios objetivos e os atributos dos lugares. É por isso que, ao contrário do que a palavra sugere, a globalização é um processo seletivo, gerador de desigualdade. Os agentes que realmente decidem abrem o mapa-múndi e escolhem onde vão crescer, onde vão se consorciar, de onde vão sair: a escolha é deles de acordo com seus objetivos estratégicos e dos atributos de cada território. Eles vão para determinados lugares e não vão para outros. Há lugares muito engatados na dinâmica global e outros bem menos. A globalização, portanto, é um processo que não anula as hierarquias, mas as recria.

O comando do processo está na tríade Estados Unidos–Japão–União Européia. Então, ao contrário do que muitas vezes se afirma, os grandes condutores do processo têm nome e endereço. E, neste ponto, não se trata mais apenas dos conglomerados transnacionais, mas também dos países a eles associados – países que detêm o maior peso relativo nas decisões tomadas no cenário mundial.

A seguir, vêm os países médios, que tentam influir em sua inserção. Alguns o conseguem; outros, não. Um exemplo de país que consegue é a China. A China consegue por vários motivos. Primeiro, porque é um país milenar. Já era uma potência antes do advento do capitalismo, um dos lugares que tinham desenvolvido de maneira mais expressiva as forças produtivas. Com a colonização perdeu espaço, foi dominada e virou a “casa da mãe Joana”: sucessivamente ocupada, ou seja, lugar onde todo mundo manda. Aí ocorreu a revolução e a China passou por uma importante fase de autonomia. Este é o segundo motivo de seu sucesso atual. Uma das coisas que mais me impressionou foi uma entrevista a que assisti no dia da morte de Mao Tsé tung. O repórter chegou junto de um velhinho que estava chorando na beira da calçada e perguntou: “O que Mao legou à China?”. O velhinho não falou de socialismo. Ele disse: “Mao recolocou a China de pé”. Ou seja, com o trancamento, a China deixou de ser a casa da mãe Joana e passou a se sentir dona de seu próprio destino. E aí está o terceiro motivo: o processo de reinserção da China ocorre num estágio muito avançado da globalização e está sendo conduzido sob o comando do Partido Comunista Chinês. Isso assegura uma reinserção muito mais autônoma do que a de países como o Brasil, que também é de porte médio, mas engatou no processo de globalização no século XVI, como colônia de exploração, e tem, até hoje, uma enorme dificuldade de atuar com soberania.

Por último, vêm os países pequenos, que lutam com enormes dificuldades para influir em sua inserção. Portanto, a leitura do mapa-múndi atual continua sendo a leitura de quem manda mais e quem manda menos. Porém, ao contrário do que prega o discurso hegemônico, que tenta apresentar a globalização como um processo inexorável, ao qual temos de nos submeter, este é um processo contraditório e não uma tendência unidirecional. Até porque a globalização é um processo social e não há processo social inexorável. É um processo hegemônico, sem dúvida. Mas há distintas possibilidades de relacionamento entre os distintos territórios e o movimento de globalização.

Um exemplo que eu gosto de dar é a França. O padrão hegemônico da distribuição de alimentos é, sem dúvida, o padrão supermercado. O Brasil, que gosta de copiar os Estados Unidos, adotou fortemente esse padrão. Por isso, estamos acabando com nossas feiras, com nossas mercearias. Qualquer cidade média brasileira quer ter hoje seu supermercado. No entanto, em Paris continua havendo feira, continuam funcionando as pequenas lojas de alimentos. De onde vem isso? Vem da cultura do povo francês, que resiste ao padrão hegemônico, que não aceita o supermercado, que se recusa a estocar alimentos, que gosta de comprar, de loja em loja, o alimento fresco que vai ser consumido no dia ou no dia seguinte. Há supermercado? Há. Mas na periferia, para os estrangeiros. Os franceses continuam fazendo *courses*, como eles dizem. Então, a cultura, a visão de mundo tem sua influência, não há uma fatalidade.

### **Homogeneização e diferenciação**

Um fato importante é que a globalização é, simultaneamente, um processo de homogeneização e de diferenciação. De homogeneização porque os grandes agentes da globalização impõem seus padrões pelo mundo afora e tendem a tornar tudo parecido. Se me colocarem uma venda nos olhos, me levarem de avião para uma cidade qualquer e me soltarem na frente de um shopping center, eu não saberei dizer de imediato em que cidade estou. Parece que todos os shopping centers saíram da cabeça do mesmo arquiteto. Agora, se me desembarcarem em frente ao Ver-o-Peso, eu saberei que estou em Belém, no Pará, se me desembarcarem em frente ao Mercado Modelo, eu saberei que estou em Salvador, na Bahia. Porque o Ver-o-Peso e o Mercado Modelo são resultantes da diferenciação, e o shopping center é resultante da homogeneização.

O que existe hoje um processo simultâneo de homogeneização e de diferenciação. Embora a homogeneização seja hoje muito forte, ela não é a única tendência. Quando um agente global escolhe um lugar para ir, ele o escolhe a partir do que é diferente, daquilo que aquele lugar possui e outros lugares, não. O critério dominante torna-se, no caso, a diferenciação. A globalização estimula isso, ao mesmo tempo que estimula também a valorização das escalas global e local. Essa é uma questão muito importante no debate sobre a globalização e território. Como alguns agentes têm capacidade para operar em escala global, a escala global se transforma crescentemente numa escala relevante. Como desembarcam nos territórios na escala local, a relação se dá entre o global e o local. E o elemento contestado é a escala nacional.

Por que a escala nacional é contestada? Em grande parte, por que foi nela que a luta social conseguiu, ao longo de séculos, impor as regulações ao capitalismo. A legislação trabalhista é nacional; o salário mínimo é nacional; a moeda é nacional; o Estado é nacional. Isso explica a fúria dos agentes globais contra os Estados nacionais. Seu ataque se associou, nos últimos tempos, à ideologia neoliberal. Não é à toa que a escala de ataque seja a escala intermediária, a escala nacional. Os agentes globais não querem saber de regulações; querem ter total liberdade para atuar no espaço global e instalar as suas unidades no espaço local. Daí a máxima “pensar globalmente e atuar localmente”, que é puro produto da ideologia neoliberal a serviço de uma globalização que não aceita limites.

Outro ponto importante é que, na era da globalização, os territórios admitem pelo menos duas leituras. Uma leitura é feita pelos agentes globais, para os quais os territórios são meros “palcos de operação”. Quando abrem o mapa-múndi para traçar suas estratégias, os países, as regiões, os municípios são para eles meros palcos de operação. Pensam nas vantagens ou desvantagens de realizarem suas operações neste ou naquele território. Mas existe uma outra leitura. E esta é feita pelas populações de cada lugar, para as quais os territórios são, acima de tudo, construções sociais. Apesar da uniformização crescente, cada território do mundo tem seu ambiente natural, seu processo histórico de ocupação, seus valores. O que existe hoje é resultado de um longo e complexo processo histórico.

Essas duas leituras conflitantes produzem uma tensão entre o global e o local, pois o global é fonte de homogeneidade e os territórios são *locus* de especificidades. O Brasil é um país que tem história, que possui um território, que construiu nele uma sociedade. E isso tudo não pode ser reduzido a simples palco de operação. Ademais, cada lugar do Brasil é diferente.

O Brasil possui três heranças principais, quando visto pela ótica do regional. A primeira herança é ser um país de dimensão continental que, como já disse, engatou na economia mundial como espaço primário exportador. Isso deixou marcas muito importantes – entre elas, o forte contraste entre a faixa litorânea e a região central.

A segunda é a diversidade regional. O país estruturou-se sobre um território que comporta seis biomas diferentes: o bioma amazônico, o bioma do cerrado, o bioma da caatinga, entre outros. Em cima dessa natureza diversa, estruturaram-se pólos produtivos também diversos: o açúcar num canto, o ouro em outro, o café em outro, o algodão em outro, a industrialização em outro... Cada um deixou sua marca. Então, o Nordeste açucareiro ficou muito diferente do Sudeste cafeeiro. Cada região misturou à sua maneira os ingredientes indígenas, europeus e negros. E isso gerou uma maravilhosa diversidade cultural, que, do meu ponto de vista, é um dos maiores patrimônios do Brasil. Na era da globalização intensa, estamos redescobrimo o Brasil.

A terceira herança é a herança da desigualdade. É uma herança pesada, que cresceu muito no século XX, quando o país engatou na globalização industrial. A figura 1 apresenta o mapa do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Quanto mais vermelha a área, mais baixo o IDH; quanto mais verde e azul, mais alto o IDH. Esse mapa mostra dois Brasis. E a mesma configuração se mantém se considerarmos outros parâmetros, como a escolaridade. Podemos analisar muitas outras variáveis diferentes, e a figura manterá a mesma configuração. Então, nossa herança de desigualdade produziu, realmente, dois Brasis. E essa desigualdade se reproduz nas várias escalas. Se analisarmos a região metropolitana de Recife, lá encontraremos duas Recifes.

Essas são as heranças. Agora, vejamos suas modificações recentes.

Uma coisa importante da inserção do Brasil na globalização industrial foi que ela integrou o mercado brasileiro. No período primário exportador, se produzia aqui e realizava fora. Com a indústria, passamos a produzir aqui e realizar aqui. Para isso, foi preciso integrar fisicamente o mercado brasileiro: criar uma malha urbana, uma malha viária, uma malha de telecomunicação. Hoje, em Oeiras, no Piauí, se compra, via internet, um artigo fabricado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e, dois dias depois, recebe-se o produto em sua casa. Isso é uma enorme diferença em relação ao Brasil do passado. E um de nossos grandes trunfos diante das corporações transnacionais. Quando desembarcam aqui, elas não vêm atrás de uma plataforma de exportação, mas do próprio mercado brasileiro, que está integrado desde metade do século passado. Uma parte dessa conquista tem ser creditada a Juscelino, porque foi ele que começou a fazer as ligações verticais da malha viária do país. Antes, só havia ligações horizontais: do interior para a costa, da zona produtora para o porto exportador. Juscelino estabeleceu uma nova lógica: no meio do território, colocou Brasília, e fez a Belém–Brasília, fez a Rio–Bahia, ou seja, criou as condições materiais para a integração do mercado.

Com o tempo, ocorreu não apenas a circulação das mercadorias, mas também a circulação do capital. Três agentes se engajaram nesse processo. As transnacionais, por certo. Mas também o capital nacional e o Estado brasileiro. Grandes empresas brasileiras, que nasceram e se desenvolveram em uma região, instalaram filiais em outras. Isso foi muito importante. O desembarque da Vale do Rio Doce no Pará mudou o Pará. O desembarque da Petrobras na Bahia mudou a Bahia. E eram empresas estatais. Isso promoveu a gradual redução da concentração econômica no Sudeste.

Os dados mostram que, no período JK, a concentração cresceu; no período do “milagre econômico”, a concentração cresceu. Ela começou a decrescer a partir do 2º PND, quando vários investimentos foram feitos em outros lugares do Brasil, e isso deu início a um processo de desconcentração. A crise veio, bateu muito forte em São Paulo, até hoje São Paulo tem 2 milhões de desempregados – e outros lugares do Brasil começaram a se destacar.

## Muita coisa está mudando

Agora, muita coisa está mudando na demografia, na economia e no quadro social. Uma mudança muito importante é que o Brasil – que, no século XX, tinha uma concentração econômica muito grande no Sudeste (que, por sua vez, gerava uma concentração de renda enorme) – está sinalizando um percurso diferente. Desconcentração produtiva para fora do Sudeste e modificação do padrão de distribuição de renda são sintomas que ainda não sabemos se configuram um novo padrão, mas são sintomas de uma tendência diferente.

Do ponto de vista demográfico, está em curso uma alteração da composição etária da população. Há menos nascimentos e as pessoas estão vivendo mais. Além disso, a localização das populações está mudando. O Centro-Oeste e o oeste do Nordeste, antes desocupados, agora estão sendo preenchidos econômica e demograficamente. Outra transformação importante é que as cidades médias passaram a crescer. Isso porque a concentração nas metrópoles brasileiras atingiu seu auge e as deseconomias já são maiores do que as economias. Assim, os municípios médios apresentam grandes vantagens e não têm os problemas da concentração. Dentro do estado de São Paulo isso se deu com muita força. Esta é uma mudança muito importante porque poderia representar uma chance de construir, no século XXI, cidades livres das mazelas que marcaram o século XX.

Este balanço sobre a dinâmica migratória eu extraí de um texto do Prof. Clélio Campolina. Ele tomou como referência o período a partir de 1975 e dividiu-o em quinquênios. Observou então que o Nordeste perdia quase 900 mil pessoas a cada cinco anos, e agora está perdendo 700 mil pessoas. A emigração diminuiu, e os que saem da zona rural do Nordeste passaram a ir para as médias e pequenas cidades da própria região ou para a fronteira agrícola do país. Não vêm mais para São Paulo, que tem 2 milhões de pessoas sofrendo com o desemprego aberto. Em compensação, o Sul cresce, o Norte cresce, o Centro-Oeste mantém-se atrativo, recebendo 300 mil pessoas por quinquênio.

Do ponto de vista da indústria, a mudança também é muito grande. A região metropolitana de São Paulo chegou a ter 43% da indústria do país, mas recuou para 22%. Já o estado de São Paulo detinha 60% da indústria do país, mas caiu para 44%. São quedas enormes. Ao mesmo tempo, muitas indústrias vão para Manaus e o Nordeste dobrou seu peso nacional nesse setor. Embora a concentração ainda seja grande, observa-se um processo de realocação da indústria no Brasil, que está em curso desde os anos 1970. O Prof. Campolina, que leciona na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem defendido que se trata de nítido processo de desconcentração. Do ponto de vista agropecuário, observam-se mudanças igualmente importantes: é o “miolão” do Brasil que está atraindo a dinâmica agropecuária, especialmente o Centro-Oeste.

Tudo isso mostra que o processo de ocupação do território brasileiro está mudando, em plena era da globalização. E uma das mudanças mais interessantes é a emergência do Nordeste, região que aparecia como problemática, quando vista no conjunto nacional. Vários fatores estimularam o consumo na região e mais recentemente ela abriga novos investimentos. Alguns deles diretamente associados ao movimento do capital em escala mundial, como o caso do setor de turismo, em que o Nordeste lidera no ranking da captação de Investimentos Diretos do Estrangeiro (IDE).

Como se vê, o território brasileiro redefine sua inserção na era da globalização. E sinais dessa redefinição estão cada vez mais evidentes.

*Este artigo é resultado de uma palestra para representantes de movimentos sociais, proferida pela autora na Câmara Municipal de São Paulo, em maio de 2008.*

*Tânia Bacelar é economista e socióloga, doutora em Economia, professora da Universidade Federal de Pernambuco e sócia da Ceplan - Consultoria Econômica e Planejamento.*